

Análise de desvios de ortografia na escrita de alunos do sétimo ano do ensino fundamental de Uberaba-MG

Analysis of spell deviations in the writing of students of the seventh year of fundamental education in Uberaba-MG

Soraya Mattos Oliveira Nunes¹

Renata Aparecida Batista dos Santos²

Juliana Bertucci Barbosa³

Recebido em: 30/10/2019

Aprovado em: 13/04/2020

Publicado em: 30/06/2020

RESUMO: Este estudo tem como objetivo analisar os desvios de ortografia em produções textuais de alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental de duas escolas públicas municipais de Uberaba-MG. O embasamento teórico está contido no campo da Sociolinguística Bortoni-Ricardo (2005). Para a coleta dos dados, foi aplicada uma proposta de produção de texto de tipologia narrativa. Os desvios ortográficos encontrados foram separados em dois grupos, sendo (i) relacionado ao sistema de convenção de escrita e (ii) decorrentes da transposição de hábitos da oralidade para a escrita. Na análise, seguiu-se a diagnose de desvios no ensino de língua materna elaborada por Bortoni-Ricardo (2005). O levantamento dos desvios de ortografia revela que os alunos recorrem à oralidade para elaborar suas hipóteses de escrita revelando a sua variação linguística através de processos fonológicos como monotongação, ditongação, alçamento e apagamento do /r/ dos infinitivos. A hipossegmentação e hipersegmentação também foram reveladoras. A maioria dos desvios encontrados nos textos foi de motivação fonológica. Os sons das palavras são assimilados em relação aos fonemas emitidos e, esse aspecto indica um modo de escrita ortográfica. Cabe ao professor propiciar um ambiente de letramento propício para a resolução de conflitos ortográficos de motivação fonológica.

PALAVRAS-CHAVE: Produção Textual; Desvios de Escrita; Oralidade.

ABSTRACT: This study aims to analyze the orthographic deviations in the text production of seventh grade elementary school students from two municipal public schools in Uberaba, MG. The theoretical basis is contained in the field of Bortoni-Ricardo Sociolinguistics (2005). In order to collect the data, a narrative text production proposal was applied. The orthographic deviations that were found were separated into two groups, those (i) related to the writing convention system and (ii) arising from the transposition of oral habits into writing. During the analysis, the diagnosis of deviations in the teaching of a native language as elaborated by Bortoni-Ricardo (2005) was followed. The survey of orthographic deviations reveals that the students resort to orality to elaborate their spelling hypotheses, revealing their linguistic variation through phonological processes such as monophthongization, diphthongization, elevation and deletion of the /r/ of the infinitives. The hyposegmentation and hypersegmentation were also revealing. The majority of deviations found in the texts had phonological motivation. This means that some words have spelling which does not mirror the relationship between most letters and phonemes. It is up to the professor to provide a literacy environment so that many of these phonological or orthographic conflicts are resolved.

KEY-WORDS: Text Production; Writing Deviations; Orality.

1. Mestre em Letras. Especialista em Linguística e o Ensino de Língua Materna. Graduada em Letras - Português/Inglês e respectivas Literaturas. Professora da Escola Municipal Professor José Macciotti. ORCID: 0000-0002-2124-0922 E-mail: soraya@uberabadigital.com.br

2. Mestre em Letras. Especialista em Leitura e Escrita num Contexto Social. Especialista em Gestão Estratégica da Educação. Graduada em Letras - Português e Inglês. Professora de Língua Portuguesa e professora da sala de recursos. ORCID: 0000-0002-3587-9479 E-mail: renataprofportugues@yahoo.com.br

3. Pós-Doutoranda PNDP/CAPES/UNESP-Araraquara. Departamento de Linguística e Língua Portuguesa (DLL) da UFTM-Uberaba. Profletras/UFTM. ORCID: 0000-0002-1510-633X E-mail: julianabertucci@gmail.com

INTRODUÇÃO

No ambiente escolar, é comum ouvir reclamações de professores em relação à ortografia de seus alunos: “falam errado, “leem errado e escrevem mais errado ainda” e/ou “escrevem como falam”. Por isso, levando-se em consideração tais “reclamações”, acreditamos que entender cientificamente quais as motivações dos erros ou desvios de ortografia dos alunos é relevante.

Além disso, nessas afirmações dos professores, podemos ainda inferir um a questão importante: não podemos negar que a forma como o aluno fala permeia as fases da aquisição da escrita. Assim, tanto o professor de língua portuguesa, em sala de aula, quanto os linguistas, ao realizarem suas investigações sobre o tema, devem considerar a oralidade e a variedade dialetal do aluno.

Nesse sentido, é importante que na Educação Básica, segundo Bortoni-Ricardo (2005), os professores de língua portuguesa levem os alunos a perceberem que na oralidade existem duas ou mais formas de dizer a mesma coisa, porém, na escrita, há regras ortográficas que devem ser seguidas. Para tal autora, é relevante que o professor ainda entenda que interpretar,

uma transgressão à ortografia como um erro não significa considerá-la uma deficiência do aluno que dê ensejo a críticas ou a um tratamento que o deixe humilhado. O domínio da ortografia é lento e requer muito contato com a modalidade escrita da língua. Dominar bem as regras de ortografia é um trabalho para toda a trajetória escolar e, quem sabe, para toda a vida do indivíduo. (BORTONI-RICARDO, 2006a, p.274).

Seguindo essas ideias, podemos partir do princípio que o processo de aquisição e domínio da escrita é complexo e prevê que o aluno desenvolva um o conhecimento paulatino das regras – muitas vezes, arbitrárias – da língua que está sendo estudada (e nosso caso, a língua portuguesa). Desta forma, embora, na fase inicial de alfabetização, as crianças tentem representar a escrita partindo dos sons da fala, essa representação não acontece fielmente, uma vez as variações da fala são desconsideradas. Assim, a escrita atua como um fator de unificação linguística, pois tenta neutralizar as variantes linguísticas por meio da ortografia.

É por isso que acreditamos que o papel do professor de Língua Portuguesa é ser mediador e permitir que o aluno se aproprie das diferentes formas de utilização da língua em diferentes modalidades e em diversos registros, adequando-o às mais variadas situações de comunicação.

Diante dessas considerações, neste artigo, identificamos e analisamos os desvios¹ ortográficos de alunos do sétimo do Ensino Fundamental II de duas escolas públicas da cidade de Uberaba, MG. Nosso trabalho, embora ainda piloto - ou seja, inicial, pois outras análises, em etapas posteriores de nossas pesquisas, serão realizadas - objetiva evidenciar a necessidade de o professor conhecer as motivações dos desvios de ortografia presentes na escrita de seus alunos para poder promover a reflexão em sala de aula e elaborar atividades de intervenção. Afinal, como aponta Bortoni-Ricardo (2006b), a “escola é, por excelência, o *locus* – ou espaço – em que os educandos vão adquirir, de forma sistemática, recursos comunicativos que lhes permitam desempenhar-se competentemente em práticas sociais especializadas” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.75).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção apresentamos, sucintamente, algumas discussões e concepções teóricas relevantes para o desenvolvimento deste trabalho.

“ERROS” de escrita: a contribuição de BORTONI-RICARDO

Quando lidamos com alunos que têm acesso muito limitado à(s) norma(s) culta(s) em seu ambiente social, devemos levar em consideração a interferência das regras fonológicas e morfossintáticas de seu dialeto na aprendizagem do português padrão. Segundo Bortoni-Ricardo (2005), os “erros” que os alunos cometem são sistemáticos e previsíveis quando são conhecidas as características do dialeto em questão.

Bortoni-Ricardo (2005) afirma que uma das contribuições mais importante da linguística ao ensino de línguas tem sido o aparato teórico e metodológico para a análise e diagnose de desvios de ortografia. Conforme a autora, essa técnica permite a identificação dos desvios, bem como a elaboração de material didático destinado a atender às áreas cruciais de incidências.

Em seu trabalho, Bortoni-Ricardo (2005, p.54) apresenta 4 categorias de erros:

1. Erros decorrentes da própria natureza arbitrária do sistema de convenções da escrita;

¹ Bortoni-Ricardo (2005), em seu trabalho, utiliza o termo “erros” para os desvios da norma. Para a autora, a fala prevê a variação, já a escrita não, ou seja, devem-se respeitar as variadas formas de expressão linguística na modalidade oral, entretanto “na modalidade escrita, a variação não está prevista quando uma língua já venceu os estágios históricos da sua codificação. Ainda afirma que a uniformidade de que a ortografia se reveste garante sua funcionalidade” (BORTONI-RICARDO, 2006, p. 273). Nesse artigo, optamos por utilizar o termo DESVIO.

2. Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas categóricas no dialeto estudado;
3. Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis graduais;
4. Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis descontínuas.

Como podemos observar, apenas a primeira categoria não tem relação com a oralidade, pois diz respeito à questão ortográfica, estando, portanto, relacionada ao sistema ortográfico da língua. Conforme a autora, nessa categoria foi classificada os erros que resultam do conhecimento insuficiente das convenções que regem a língua escrita. No português, há fonemas que possuem diversas representações ortográficas. Porém, por outro lado, há letras que representam dois fonemas. Um exemplo disso é a troca de letras devido à semelhança fonética, como em “*chícara*” por “*xícara*”. Outro desse problema da primeira categoria citado por Bortoni-Ricardo (2005) é o uso de diacríticos e certas peculiaridades morfológicas como a diferença ortográfica do sufixo número-pessoal de terceira pessoa do plural /ãw/, que é grafado (*ã*) quando é tônico e (*am*) quando é átono.

É notório que a segunda, a terceira e a quarta categorias, como fazem Sene e Barbosa (2019), podem ser reunidas em um mesmo grupo motivador de desvios, pois as três correspondem a desvios decorrentes da transposição de hábitos da fala para a escrita.

Assim, a segunda categoria – “Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas categóricas no dialeto estudado” –, congrega desvios motivados, segundo Bortoni-Ricardo (2005, p.54), por regras fonológicas do português brasileiro, tais como:

- a) Vocábulo fonológicos constituídos de duas ou mais formas livres ou dependentes grafados como um único vocábulo formal. Ex. (“*uque*”, “*levalo*”, “*janote*”).
- b) Crase entre vogal final de uma palavra e vogal idêntica ou foneticamente próxima da palavra seguinte. Ex. (“*a tenção*”).
- c) Neutralização das vogais anteriores /e/ e /i/ e das posteriores /o/ e /u/ em posição pós-tônica ou pretônica.
- d) Nasalização do ditongo em “*muito*” por assimilação progressiva.

Já a terceira categoria, “Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis graduais”, Bortoni-Ricardo (2005) afirma que funcionam não só como

Revista do SELL, Uberaba/MG (online) - V. 9 n. 1, p.88-104, jan. /jun. – 2020.

indicadores de variedades sociais, diastrática, mas também como marcadores de registro entre falantes da língua culta, ocorrendo com maior frequência nos registros não monitorados. São exemplos dessa categoria:

- a) Despalatização das sonorantes palatais (lateral e nasal). Ex. (*olhar* >> *oliar*)
- b) Monotongação do ditongo. Ex. (*beira* >> *bera*)
- c) Desnasalização das vogais átonas finais. Ex. (*homem* >> *homi*)
- d) Assimilação e degeminação do /nd/. Ex. (*mostrando* >> *mostranu*)
- e) Queda do /r/ final nas formas verbais

Na terceira categoria, Bortoni-Ricardo (2005) inclui os desvios decorrentes da interferência de regras que alteram ou suprimem morfemas flexionais, implicando modificação nas regras de concordância da língua padrão. Os exemplos mais significativos, para a autora, são a alteração ou a supressão do sufixo número-pessoal de terceira pessoa do plural dos verbos e a ausência de concordância no sintagma nominal. Bortoni-Ricardo explica ainda que quando a diferença entre a forma de singular e plural é minimamente perceptível, é alta a probabilidade de se aplicar a regra de supressão do morfema no plural.

Por fim, na quarta categoria, “Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis descontínuas”, Bortoni-Ricardo apresenta exemplos desse grupo:

- a) Semivocalização do /lh/. Ex. (*velho* >> *veio*).
- b) Epítese do /i/ após sílaba final travada. Ex. (*paz* >> *pazi*)
- c) Troca do /r/ pelo /l/. Ex. (*sirva* >> *silva*)
- d) Monotongação do ditongo nasal em “*muito*” >> *muntu*;
- e) Supressão do ditongo crescente em sílaba final. Ex. (*veio* >> *vei*)
- f) Simplificação dos grupos consonantais no aclave de sílaba com a supressão da segunda consoante. Ex. (*Dentro* >> *dentu*)
- g) Metátese em “*satisfeito*”.

Categorizar os desvios, segundo Sene e Barbosa (2019), possibilita observar as semelhança e as diferenças entre as motivações de equívocos ortográficos. Para Bortoni-Ricardo (2005), a incidência em certas categorias vai depender dos antecedentes sociolinguísticos do aluno. A autora ainda afirma que é razoável esperar que o aluno que apresente desvios da categoria (4) apresente também os das categorias (3) e (2). Da mesma forma, a presença da categoria (3) deverá implicar ocorrência de (2).

A análise e diagnose dos desvios, segundo Bortoni-Ricardo (2005), baseiam-se em descrições sociolinguísticas das variedades da língua. A análise permite o levantamento de um perfil sociolinguístico dos alunos, o que servirá de subsídio para a elaboração de estratégias pedagógicas e de material didático adequado. Entendemos que o modo como o professor conduz sua prática pedagógica de ensino, pode favorecer ao aluno reflexão sobre o modo de registrar as palavras e permitir um maior domínio da ortografia.

Aquisição da escrita

Como mencionamos no início deste artigo, muitos professores queixam-se que seus alunos “escrevem como falam”. Essa reclamação, até certo ponto, é verdadeira, pois muitas das motivações de desvios de ortografia realmente estão associadas à transposição de hábitos da fala para escrita. Entretanto, nem tudo que os alunos escreve pode ser atribuído à influência da fala. Oliveira (2005, p.12) apresenta três concepções de aprendizagem da escrita: (i) transferência de um produto; (ii) processo de construção de conhecimento baseado nas características da própria escrita e (iii) processo de construção de conhecimento intermediado pela oralidade. Nesta subseção, sucintamente, retomamos tais concepções.

A primeira concepção faz supor que a escrita seja um produto pronto e acabado, que o professor conhece e pode transmitir a seus alunos. A segunda concepção trata o aprendizado da escrita como um processo de construção de conhecimento baseado nas características da própria escrita. Oliveira (2005) afirma que é exatamente por compartilharem da segunda concepção que muitos professores dizem que o aluno aprende a escrever escrevendo. Por fim, a terceira concepção prevê que a interação com a escrita seja intermediada pela oralidade, ou seja, por aquilo que o aluno já conhece sobre sua língua (ele já fala a língua) quando inicia seu processo de construção da escrita. Oliveira (2005, p.16) reforça ainda que “o conhecimento sobre a língua falada controla o processo de aprendizado da língua escrita”.

Portanto, não podemos negar que o processo de escrita é algo complexo e o aluno pode apresentar dificuldades compreensíveis e explicáveis. Segundo Pedrosa (2014, p.57), isso ocorre porque nosso sistema de escrita apresenta dois tipos de organização. O primeiro deles é baseado na proposta alfabética, em que há uma correlação entre a fala e a escrita, o segundo, diz respeito a uma sistematização ortográfica, que busca anular a variação linguística e propõe uma normatização sem tomar por base a oralidade. Nesse sentido, conforme a autora, o aluno precisa sistematizar dois tipos de conhecimentos: um

em que pode fazer uso de conhecimentos prévios advindos da oralidade e o outro a partir da alfabetização.

Os sistemas de escrita podem basear-se nos sons de fala, sistemas fonográficos ou ideográficos. Os sistemas fonográficos de escrita, na concepção de Pedrosa (2014), têm por propósito representar os sons através de um meio menos efêmero do que a fala. Para atender a esse propósito, surgiram os registros alfabéticos ou escritas fonéticas, que, mais posteriormente, durante processo de aquisição da escrita, acabam esbarrando em uma importante característica da língua: a variação linguística.

Critérios de análises e montagem do *CORPUS*

O *corpus* escolhido para este trabalho foi constituído por conjunto de cinquenta textos produzidos por alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental de duas escolas municipais de Uberaba-MG. Ambas as escolas se localizam em bairros de periferia da cidade. Para isso, após as devidas autorizações da escola, do Comitê de Ética em Pesquisa e dos responsáveis legais dos alunos, solicitamos que produzissem um texto escrito narrativo em uma aula de cinquenta minutos.

A proposta textual partiu da leitura de uma tirinha cujo personagem, *Snoopy*, inicia a escrita de um texto e acaba não dando sequência na escrita. O aluno teria que, ao simular que estava contando histórias aos colegas de classe, continuar a narrativa iniciada pelo personagem (*Era uma noite escura e tempestuosa...*).

Após essa seleção, fizemos um mapeamento e um diagnóstico qualitativo dos desvios de ortografia encontrados nos textos dos alunos. Para tanto, utilizamos como referência os trabalhos de Bortoni-Ricardo (2005) e Sene e Barbosa (2019), considerando os seguintes grupos de desvios:

Grupo 1: Desvios decorrentes da convenção ortográfica. Por exemplo: “sebola” (cebola).

Grupo 2: Desvios decorrentes da transposição de hábitos da fala para a escrita, ou seja, fonológico e morfológico (morfofonológico). Por exemplo: “caxa” (caixa).

Dentro do **Grupo 1**, classificamos os desvios que são provenientes de um conhecimento insuficiente de convenções ortográficas da língua portuguesa. Um exemplo é quando um aluno escreve “sebola” no lugar de “cebola”: neste caso, o aluno reconheceu o som [s], mas ainda não sabe qual das letras (dentro das possíveis na língua portuguesa escrita) pode utilizar para representar tal som na escrita e acaba optando pela letra “s”. Como se sabe, no português, o som [s] pode ser representado, na ortografia, por várias letras (s, ss, ç, sc, x), por isso, este exemplo ilustra uma dificuldade por parte do aluno

com a convenção arbitrária da escrita. Já no **Grupo 2**, encaixam-se os desvios decorrentes da transposição de hábitos da fala para a escrita, o que pode ser observado quando o aluno representa na escrita uma característica da sua variedade, como em “luiz” para a palavra “luz” ou “caxa” para “caixa”.

Em seguida, conforme apresentamos na próxima subseção, partindo dessa tipificação (Grupos 1 e 2), neste artigo, realizamos a categorização dos desvios em:

Ortográfico (pertencente ao Grupo 1): desvios provenientes de representação dos fonemas /s/, /f/, /z/, /z/.

Fonológico (pertencentes ao Grupo 2): troca de fonemas, apagamento de vogal, apagamento de consoante.

Morfofonológico (pertencentes ao Grupo 2): separação não convencionais (TENANI e PARANHOS, 2011), junção e omissão de morfemas.

Análise dos dados

Após montarmos nosso *corpus*, como já mencionado, selecionamos todas as palavras com desvios de ortografia. Nessa etapa, além de encontrarmos um alto número de palavras com desvios ortográficos do Grupo 2, ou seja, motivados pela transposição de hábitos da fala para a escrita, também identificamos outras dificuldades textuais dos alunos, relacionadas, principalmente, à organização e concatenação das ideias e à organização textual (paragrafação, pontuação). Entretanto, tais problemas não foram analisados neste estudo pelo fato de não serem o foco da pesquisa.

Observamos também que os desvios de ortografia repetiam-se nos diferentes textos, então, apresentamos, a seguir, o resultado qualitativo da análise dos desvios em seis produções textuais, sendo três de cada escola participante da pesquisa. Esses resultados ilustram as frequentes dificuldades encontradas em nosso *corpus* com a ortografia. Vejamos os resultados dos desvios encontrados no texto que chamamos de I:

Quadro 1: Desvios do texto I

Categoria dos desvios	Motivação	Ocorrência nos textos	Item esperado
Fonológico	Desnasalização	sobra	sombra
Fonológico	Apagamento do /r/ em posição de coda silábica	acodei	acordei
Ortográfico	Troca ortográfica	asustado	assustado
Fonológico	Despalatalização	barulo	barulho
Ortográfico	Troca ortográfica	comesei	comecei
Fonológico	Desnasalização	investigar	investigar

Fonológico	Desnasalização / Troca de letras	aumetato	aumentado
Fonológico	Sonorização	jegado	chegado
Fonológico	Troca de letra / Monotongação	vique	fiquei
Fonológico	Despalatização	tia nada	tinha nada
Ortográfico	Troca ortográfica	fexei	fechei
Morfofonológico / Fonológico	Hipossegmentação / Alçamento	simovendo	se movendo
Fonológico	Hipossegmentação	qieu	que eu
Fonológico	Alçamento / Desnasalização	itão	então
Fonológico	Degeminação do /nd/	procurado	procurando
Fonológico	Sândi	vocevecomus	you come with me
Fonológico /ortográfico	Alçamento / Troca ortográfica	disi	disse
Morfofonológico / Fonológico	Hipossegmentação	cumedo	com medo
Morfofonológico	Hipersegmentação	rapida mente	rapidamente
Morfofonológico	Hipossegmentação	miseguindo	me seguindo
Ortográfico	Troca ortográfica	tropesei	tropecei
Fonológico	Desnasalização	ei	em
Fonológico	Apagamento	peda	pedra
Fonológico	Alçamento / Apagamento	duedo	doendo
Morfofonológico	Hipossegmentação	equando	e quando
Fonológico	Sândi	Qira ofim	que era o fim
Fonológico	Ditongação	luiz	luz
Fonológico	Desnasalização	braca	branca
Morfofonológico	Hipossegmentação	mebuscar	me buscar
Fonológico	Sonorização	jegou	chegou
Morfofonológico	Hipossegmentação	euvi	eu vi
Ortográfico	Troca ortográfica	deseu	desceu
Morfofonológico	Hipossegmentação	miajudou	me ajudou
Morfofonológico	Hipossegmentação	asubir	a subir
Fonológico	Apagamento	sobar	sombra
Morfofonológico/Fonológico	Hipossegmentação / Ditongação	aluiz	a luz
Morfofonológico	Hipossegmentação	sequemou	se queimou
Morfofonológico	Hipossegmentação	aspeessoa	as pessoas
Morfofonológico/ Fonológico	Hipossegmentação / Monotongação	miajudo	me ajudou
Fonológico	Hipossegmentação	milevou	me levou
Morfofonológico	Hipossegmentação	edepois	e depois
Fonológico	Vocalização	vouta	volta

Fonte: As autoras, 2019

Como podemos verificar no Quadro I, predominam na escrita do texto I desvios de transposição de características da fala que transpõem para escrita. Entre eles,

verificamos as segmentações não-convencionais de palavras que, segundo Tenani e Paranhos (2011, p. 479), são “caracterizadas pela ausência e/ou presença do espaço em branco em locais previstos pela ortografia”. Tais ocorrências, podem ser classificadas em dois tipos principais: (a) hipossegmentação, quando há a ausência do espaço em branco em locais previstos pela ortografia, como em “milevou” e “edepois” presentes no texto I e a (b) hipersegmentação, quando há a presença do espaço em branco em locais não previstos pela ortografia, como em: “rápida mente”, conforme quadro I. Assim como Tenani e Paranhos (2011, p. 480), observamos que os casos de segmentação não-convencional de palavra são relevante para os estudos linguísticos, pois evidenciam, principalmente, “características dos enunciados falados (no que diz respeito à dimensão sonora da linguagem) nos enunciados escritos” e a reflexão, por parte do aluno, sobre o que consideram uma palavra e seus limites no papel (espaços em branco antes e depois da palavra). Como podemos observar, esses desvios apontam a transição do aluno escrevente por práticas orais/faladas para as práticas letradas/escritas.

Outros desvios que representam a fala na escrita são os motivados por:

- apagamento de segmentos na posição silábica de coda em *acodei* (*acordei*);
- troca de fonemas semelhantes em *jegado* (*chegado*), *vique* (*fiquei*), *umentato* (*umentado*);
- vocalização em *vouta* (*volta*),
- monotongação em *sequemou* (*se queimou*) e
- ditongação em *luiz* (*luz*).

Já no texto II, apareceram os seguintes casos:

Quadro 2: Desvios do texto II

Categoria dos desvios	Motivação	Ocorrência nos textos	Item esperado
Ortográfico	Troca de letra	rempestuosa	tempestuosa
Fonológico	Alçamento	intão	então
Ortográfico	Troca ortográfica	ceu	seu
Fonológico	Hipersegmentação	de pois	depois
Fonológico	Despalatalização	folia	folha
Fonológico	Monotongação	robada	roubada
Fonológico	Apagamento	compar	comprar
Ortográfico	Troca de letras	cua	sua
Fonológico	Construção mórfica diferente	tava	estava
Fonológico	Monotongação	compro	comprou
Fonológico	Nasalização	muinto	muito
Fonológico	Alçamento	longi	longe
Fonológico	Monotongação	carterão	quarteirão

Morfofonológico	Hipersegmentação	a cabou	acabou
Fonológico	Monotongação	demoro	demorou
Ortográfico / Morfofonológico	Troca ortográfica/Apagamento do /r/	xega	chegar
Ortográfico	Troca ortográfica	xegou	chegou
Fonológico	Hipossegmentação	medeixa	me deixa
Fonológico	Troca de letras (traço distintivo /d/ /t/)	corrento	correndo
Fonológico	Desnasalização	dim ero	dinheiro
Fonológico	Monotogação	sobro	sobrou
Fonológico	Troca de letras (traço distintivo)	rabido	rápido
Fonológico	Apagamento do /r/	porcúra	procurar
Fonológico	Hipercorreção / Rotacismo / Apagamento do /r/	pobrica	publicar
Fonológico	Troca de letras (traço distintivo)	vicar	ficar
Morfofonológico /Ortográfico	Hipersegmentação / Troca ortográfica	a xado	achado
Morfofonológico	Hipersegmentação	de via	devia

Fonte: As autoras, 2019

No texto II também predominam desvios de ordem fonológica e poucos desvios de ordem ortográfica, assim como foi diagnosticado no texto I. Observamos, ainda, os desvios motivados por troca de letras, como os motivados pela escolha de letra equivocada para representar determinado som, surgindo escritas como *esquerver* (*escrever*), *carterão* (*quarteirão*) e troca de letras devido ao traço distintivo em *rabido* (*rápido*), *vicar* (*ficar*).

Na escrita do texto II, verificamos também desvios nas sílabas complexas. Tais desvios ocorrem na escrita de sílabas com estruturas diferentes, que não sejam consoante-vogal, como em: *compar* (*comprar*), *sobo* (*sobrou*). E, novamente, identificamos segmentações não-convencionais: hipersegmentação em *a cabou* (*acabou*), *de pois* (*depois*) e hipossegmentação em *medeixa* (*me deixa*).

Desvios motivados pelo hábito de fala também são notórios em *intão* (*então*), *tava* (*estava*), *demoro* (*demorou*), *porcúra* (*procurar*), *longi* (*longe*). Tais desvios estão relacionados à variação linguística. Encontramos ainda problemas de Vocalização em *sail* (*saiu*), Despalatalização em *folia* (*folha*), Nasalização em *muinto* (*muito*) e Monotongação em *robada* (*roubada*).

Cabe mencionar que encontramos também desvios de convenção ortográfica como em *xega* (*chegar*), *xegou* (*chegou*), *pergesoso* (*preguiçoso*).

A seguir, o quadro de ocorrências do texto III:

Quadro 3: Desvios do texto III

Categoria dos desvios	Motivação	Ocorrência nos textos	Item esperado
Ortográfico	Troca ortográfica	diressão	direção
Morfofonológico	Hipossegmentação	amim	a mim
Morfofonológico/ Ortográfico	Hipersegmentação /Troca ortográfica	a pareseu	apareceu
Morfofonológico/Fonológico	Hipossegmentação	serepetiu	se repetiu
Ortográfico/ Fonológico	Troca ortográfica	pasou	passou
Ortográfico	Troca ortográfica	pasar	passar
Fonológico	Desnasalização	ninguei	ninguém
Ortográfico	Troca ortográfica	aselerador	acelerador
Ortográfico	Troca ortográfica	aselerando	acelerando
Ortográfico	Troca ortográfica	comesou	começou
Fonológico	Troca de letras	quair	cair
Fonológico	Alçamento	trovois	trovões
Ortográfico	Troca ortográfica	pasei	passei
Ortográfico	Troca ortográfica	acontesendo	acontecendo
Fonológico	Vocalização	resouvi	resolvi
Fonológico	Alçamento	ispiadinha	espiadinha
Ortográfico	Troca ortográfica	dansando	dançando
Ortográfico	Troca ortográfica	espesies	espécies
Ortográfico	Troca ortográfica	dese	desse
Ortográfico	Troca ortográfica	brasos	braços
Ortográfico	Troca ortográfica	esperamdo	esperando
Ortográfico	Troca ortográfica	mori	morri

Fonte: As autoras, 2019

Diferentemente do texto I e do texto II, no texto III predominam desvios de ordem ortográfica. Como fica evidente no Quadro III, houve frequentes trocas de letras devido à relação arbitrária entre som e letra e as regras do sistema ortográfico da língua portuguesa. Essas trocas são motivadas devido uma relação não estável, na qual uma mesma letra pode representar vários sons como o caso do fonema /s/ que pode ser representado por várias letras (s, ss, ç, c, x, z, sc, sç e xc). Como podemos observar, uma série de desvios são motivados em função desta relação não estável entre letras e sons, como podemos ver em *diressão* (*direção*), *pasar* (*passar*), *aselerando* (*acelerando*), *começou* (*começou*), *pasei* (*passei*), *brasos* (*braços*), *dese* (*desse*), *acontesendo* (*acontecendo*), *dansando* (*dançando*), *espesies* (*espécies*).

Esses desvios enquadram-se na primeira categoria de Bortoni-Ricardo (2005), pois estão relacionadas à aprendizagem das regras ortográficas, ou seja, relacionadas ao

conhecimento do sistema ortográfico da língua. O aluno, autor do texto III, apresenta conhecimento insuficiente das convenções de ortografia.

Verificamos ainda desvios tanto de ordem morfofonológica quanto fonológica. As morfofonológicas foram identificadas nas ocorrências de segmentações não-convencionais: a hipossegmentação em *amim* (*a mim*) e hipersegmentação em *a pareseu* (*apareceu*). E, em menor ocorrência, as fonológicas, em desvios motivados por processos fonológicos presentes na fala, como, por exemplo, a desnasalização em *ninguei* (*ninguém*), a nasalização em *estrondom* (*estrondou*). Observemos agora os desvios do texto IV

Quadro 4: Desvios do texto IV

Categoria dos desvios	Motivação	Ocorrência nos textos	Item esperado
Fonológico	Apagamento do /r/ final	Avisa	avisar
Fonológico	Apagamento do /r/ final	compra	comprar
Morfofonológico	Hipossegmentação	sideu	se deu
Morfofonológico	Hipossegmentação	derepente	de repente
Fonológico	Alçamento	au	ao
Fonológico	Apagamento do /r/ final	percebe	perceber
Fonológico	Desnasalização	Sobra	sombra
Ortográfico	Troca ortográfica	comesou	começou

Fonte: As autoras, 2019

No Quadro IV, há apenas 01 (um) desvio decorrente de convenção ortográfica (*começou* por **comesou*) e 08 (oito) desvios de ordem (morfo)fonológica.

Em *derepente* (*de repente*) e *sideu* (*se deu*), temos, novamente, ocorrências de segmentações não-convencionais. Cabe mencionar ainda que os casos de hipossegmentações, de modo geral, considerando as seis redações, foram mais frequentes do que as hipersegmentações. Dessa forma, podemos concluir que ao menos em nossos dados, semelhante ao que ocorreu no estudo de Tenani e Paranhos (2011), há uma tendência em haver mais junturas do que segmentações equivocadas no processo de aquisição ortográfica. Salientamos também que não encontramos casos, em nenhum dos textos analisados do sétimo ano, de hipo e hipersegmentação simultâneas, como o exemplo citado por Tenani e Paranhos (2011, p. 498) “pura qui” (por aqui).

Observamos ainda os casos frequentes de influência de traços da fala: o apagamento da coda na sílaba final em *avisa* (*avisar*), *compra* (*comprar*), *percebe*

(*perceber*); o alçamento em *au* (*ao*) e a desnasalização em *sobra* (*sombra*) estão presentes no texto.

Em relação ao quinto texto selecionado para ilustrar os casos de desvios encontrados na escrita de alunos do sétimo ano, observamos:

Quadro 5: Desvios do texto V

Categoria dos desvios	Motivação	Ocorrência nos textos	Item esperado
Fonológico	Alçamento	chuvendo	chovendo
Fonológico	Desnasalização	pessado	pensando
Fonológico	Desnasalização	pergutou	perguntou
Fonológico	Rotacismo	poblema	problema
Morfofonológico	Hipersegmentação	na quela	naquela
Fonológico	Apagamento do /r/ final	passsea	passsear
Fonológico	Desnasalização	encotraram	encontraram
Fonológico	Apagamento do /r/ final	perdi	pedir
Fonológico	Apagamento do /r/ final	encontra	encontrar

Fonte: As autoras, 2019

Nesse texto 5, ao contrário do texto IV, não encontramos desvios motivados pela relação arbitrária entre letra e som (convenção ortográfica). Identificamos apenas casos do Grupo II, motivados por características da fala. Os de ordem morfofonológica, associados a segmentações não convencionais de palavras, foram identificadas em *na quela* (*naquela*) (caso de hipersegmentação). Já os de ordem fonológica, foram motivados pelos seguintes processos tais como o apagamento do /r/ final em *passsea* (*passsear*), *encontra* (*encontrar*); o alçamento em *chuvendo* (*chovendo*) e ainda o rotacismo em *poblema* (*problema*) em que ocorre a troca do /r/ pelo /l/.

Por fim, temos o texto VI:

Quadro 6: Desvios do texto VI

Categoria dos desvios	Motivação	Ocorrência nos textos	Item esperado
Fonológico	Monotongação	paro	parou
Fonológico	Monotongação	penso	pensou
Fonológico	Monotongação	falo	falou
Fonológico	Monotongação	volto	voltou
Fonológico	Apagamento do /r/ final	faze	fazer
Fonológico	Alçamento	aus	aos
Fonológico	Monotongação	fico	ficou

Ortográfico	Troca ortográfica	romança	romance
Ortográfico	Troca ortográfica	avemtura	aventura
Fonológico	Alçamento/ Monotongação	disafio	desafiou
Fonológico	Alçamento	recentimenti	recentemente
Fonológico	Apagamento do / r/ final	vê	ver
Fonológico	Ditongação	faiz	faz
Fonológico	Apagamento	livo	livro
Fonológico	Apagamento	sobe	sobre
Fonológico	Monotongação	aceito	aceitou
Fonológico	Monotongação	demoro	demorou
Fonológico	Monotongação	ganho	ganhou

Fonte: As autoras, 2019

O escrevente do texto VI apresenta, conforme organizado no Quadro VI, uma frequência maior de desvios motivados pela influência da fala do que os decorrentes da aquisição do sistema ortográfico (esses foram apenas dois casos: *romanse/romance e *ave*mt*ura/aventura).

Outro fato a ser apontado é que o escrevente do texto VI, entre os desvios de ordem fonológica, a representação de maior ocorrência foi a de palavras que provavelmente são pronunciadas com o fenômeno da monotongação, ou seja, com a supressão da glide em um ditongo. Uma característica clara da oralidade. As palavras que sofreram esse processo foram: *paro* (*parou*), *penso* (*pensou*), *falo* (*falou*), *volto* (*voltou*), *fico* (*ficou*), *desafio* (*desafiou*), *aceito* (*aceitou*), *demoro* (*demorou*) e *ganho* (*ganhou*). Encontramos ainda outros casos também presentes nos demais textos analisados: o alçamento em *recentimenti* (*recentemente*), a ditongação em *faiz* (*faz*) e o apagamento do /r/ final em *faze* (*fazer*) e *vê* (*ver*).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, como já mencionado, tivemos como objetivo identificar e tipificar os desvios de ortografia presentes na escrita de alguns alunos do sétimo ano de duas escolas públicas de Uberaba. Nossa pesquisa foi de base qualitativa, pois nossa intenção foi a de apontar as motivações possíveis de desvios ortográficos nessa etapa escolar e evidenciar a importância de compreender linguisticamente esses casos.

Além disso, nossa intenção foi a de apontar a necessidade de o professor usar seus conhecimentos sobre as teorias linguísticas, principalmente, na área de fonologia e Sociolinguística, para identificar, compreender e propor intervenções em relação a cada tipo de desvios encontrado na escrita de seus alunos. Verificamos ainda que embora não

seja possível transpor as normas da escrita para a fala nem da fala para a escrita, é frequente observamos essa transposição. Esse fato pode ocorrer pela baixa familiaridade com o texto escrito pelo aluno.

Entretanto, não podemos esquecer que o domínio da escrita em sociedades letradas e tecnológicas é obrigatório para a garantia de sucesso e ascensão social, uma vez que grande parte dos processos discursivos é determinada pelas condições de uso e pelo acesso à norma culta da língua. Para Marcuschi (2001, p. 16), em uma sociedade letrada como a nossa, a escrita, “enquanto manifestação formal dos diversos tipos de letramento, é mais do que uma tecnologia. Ela se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia-a-dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural”.

Nesse sentido, a importância social da escrita revela-se a partir dos valores que essa prática adquiriu na sociedade moderna. Devemos, enquanto professor, proporcionar essa apropriação da escrita, porém sem ignorar que junto com ela há um processo árduo a ser seguido. Por isso, devemos desenvolver estratégias que possibilitem a reflexão linguística inclusive da no campo da ortografia (BORTONI, 2006). Nesse âmbito, o estudo da Sociolinguística permite ao professor, em uma perspectiva variacionista da língua, ter um novo olhar em relação aos desvios encontrados na escrita dos seus alunos e a propor atividades interventivas para o ensino da ortografia.

Nosso trabalho ainda evidenciou as motivações mais frequentes que levam as ocorrências de desvios ortográficos, como a monotongação, os apagamentos em coda finais e as segmentações não-convencionais. Tais descrições dos fenômenos encontrados contribuirão para nortear nosso trabalho em sala de aula no ensino da norma culta da língua, pois uma vez “identificados” os motivos pelos quais os alunos apresentam dificuldade na ortografia, saberemos como lidar com elas. Segundo Bortoni-Ricardo (2005, p.56), a

análise e diagnose dos erros baseia-se em descrições sociolinguísticas das variedades da língua. Tais descrições deverão incluir o levantamento detalhado da ocorrência das regras variáveis e complementar-se com estudos psicossociais que analisem a avaliação desses traços pelos falantes nos diversos estratos sociais. A análise, por sua vez, permite o levantamento de um perfil sociolinguístico dos alunos, o que servirá de subsídio para a elaboração de estratégias pedagógicas e de material didático adequado.

Sob essa perspectiva, cabe ao professor de língua portuguesa e/ou alfabetizador propiciar um ambiente de letramento para que muitas dúvidas de ortografia sejam minimizadas.

REFERÊNCIAS

BARONAS, J. E. As Marcas de oralidade no texto escrito. **Signum: Est. Ling.**, Londrina, v.12, n.1, p.15-32, julho, 2009.

BORTONI-RICARDO, S. M. O estatuto do erro na língua oral e na língua escrita. In: GORSKI, Edair M.; COELHO, Izete L. (Org.) **Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006a.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. Métodos de alfabetização e consciência fonológica: o tratamento de regras de variação e mudança. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 201220, 1º sem. 2006b.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escolar, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

OLIVEIRA, M. A. de. **Conhecimento linguístico e apropriação do sistema de escrita**. 1. ed. Belo Horizonte: CEALE/FAE/UFMG, 2005. v. 01.

PEDROSA, J. L. Variação fonético-fonológica e ensino de português. In MARTINS, M. A. [et al] *Ensino do português e sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.

SENE, M. G. de; BARBOSA, J. B. Quando a oralidade chega à escrita: discutindo os desvios em textos do Ensino Fundamental II de Uberaba/MG. *Cor das letras*. Bahia, 2019.

TENANI, L.; PARANHOS, F. Análise prosódica de segmentações não-convencionais de palavras em textos do sexto ano do Ensino Fundamental. **Filologia e Linguística Portuguesa**, 13(2). São Paulo: USP, 2011, p.477-504.

Como citar este artigo (ABNT)

NUNES, S.M.O.; SANTOS, R.A.B.; BARBOSA, J.B. Análise de desvios de ortografia na escrita de alunos do sétimo ano do ensino fundamental de Uberaba-MG. SELL, Uberaba, MG, v. X, n. X, p. XXX-XXX, 2019. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

Nunes, S.M.O.; Santos, R.A.B.; Barbosa, J.B. (2020). Análise de desvios de ortografia na escrita de alunos do sétimo ano do ensino fundamental de Uberaba-MG. SELL, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.